

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

A GEOGRAFIA E A QUESTÃO AGRÁRIA

Mariza Polenz, Armando Triches Enderle
Boletim Gaúcho de Geografia, 16: 63-65, out., 1988.

Versão online disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37983/24478>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - out., 1988

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

A GEOGRAFIA E A QUESTÃO AGRÁRIA

O "Ensino da Geografia" e a "Questão da Terra" foram os temas do VII Encontro Estadual de Professores de Geografia, promovido pela AGB- Seção Porto Alegre, na cidade de Frederico Westphalen, entre os dias 29.05 e 01.06.87. O texto a seguir procura refletir os debates e conclusões geradas na ocasião.

A apresentação de trabalhos e as discussões surgidas em torno da "Questão da Terra" ocuparam a maior parte do Encontro, e que proporcionou ainda aos participantes uma saída de campo com o objetivo de conhecer um assentamento de colonos, antes sem-terra-ou acampados.

Pela prioridade dada ao tema ao longo dos debates, ficou clara a preocupação crescente dos geógrafos e a necessidade de um maior envolvimento com o assunto, a partir de certas posições assumidas.

Reflexo do momento de crise pelo qual passa a sociedade em geral e a brasileira em particular, repensa-se a Geografia e a questão do espaço. Os geógrafos cada vez mais incorporam ao seu trabalho a análise da realidade social, provocando um avanço das ciências geográficas em direção a sua afirmação como ciência social.

De todos os problemas vividos atualmente pela população brasileira e que exigem uma solução urgente, o do espaço envolve os geógrafos diretamente, pois diz respeito ao seu próprio objeto de trabalho. E a discussão sobre questões da terra é a discussão do próprio espaço, que pode ter seus limites e utilização redefinidos.

A questão do espaço é grave no Brasil tanto em nível urbano(habitacional), como rural, onde uma estrutura concentrada e concentradora, vinculada ao modelo exportador-tecnificador, impe-

de o acesso à terra ao camponês.

O desenvolvimento capitalista ocorrido no Brasil, enfatizando os aspectos industrial e urbano, teve para com o espaço rural um tratamento conservador. A propriedade privada foi sacralizada. Ao trabalhador rural não foram estendidos os poucos benefícios sociais do desenvolvimento econômico conquistados pelas camadas populares urbanas. A organização da produção ratifica este processo ao onerar economicamente, e de forma desproporcional a pequena propriedade.

Em consequência da pressão dos latifundiários, exercida com a cumplicidade dos capitalistas urbanos, a reforma agrária continua bloqueada e tratada ora como uma questão de colonização, ora sendo estigmatizada. Este tratamento ao invés de romper o impasse, o torna cada vez mais crítico.

No Rio Grande do Sul. o problema da terra é hoje reflexo das questões acima colocadas e, além disso, da perspectiva de esgotamento da fronteira agrícola em nível nacional. Com a impossibilidade do setor industrial gaúcho de absorver a população oriunda do êxodo rural, cresce a favelização, o número de bóias-frias e o de agricultores sem-terra acampados.

Modificações profundas nesse quadro exigem uma reforma agrária ampla e consistente, com a transformação da estrutura fundiária e a implantação de uma política agrícola que assegure reais avanços à população rural.

Do ponto de vista da Geografia, a reforma agrária é fundamentalmente uma questão técnica, pois estabelece uma reorientação na distribuição do espaço rural. Mas é também, uma questão política e ética, no momento em que os geógrafos percebem o espaço urbano e rural não como algo inerte, apenas como estrutura natural, e sim socialmente determinado, que exige a rediscussão da relação entre o direito à propriedade privada e os direitos sociais.

A visita ao assentamento Santo Isidoro, no Município de Erval Seco, proporcionou aos profissionais da Geografia contato

com um espaço rural redefinido. Proporcionou, também, a oportunidade de comprovar a relação direta existente entre a luta pela posse da terra e a luta política.

A reorganização do espaço em si, no entanto, não é suficiente. Foi possível constatar que, no caso desse assentamento, permanecem sem solução problemas como a falta de assistência técnica e extensão rural, de crédito e seguro agrícolas, além do deficiente atendimento nas áreas de saúde, educação e transporte.

comprovou-se, porém, que:

- a) Resultado da luta diária para a superação dos impasses presentes na luta pela terra, os assentamentos desenvolveram um alto grau de politização;
- b) A sabedoria popular informal por eles acumulada, extrapola aquela tradicionalmente inculcada na consciência dos alunos através da educação formal;
- c) Estabeleceu-se um confronto entre os agricultores tradicionais da região, dominados pelo avanço do sistema capitalista no campo, e a experiência de comunidade organizada pelos assentados, na defesa intransigente de seus interesses e de seus direitos;
- d) O futuro da pequena e média propriedade e os do que dela vivem, depende hoje do resultado da luta política pela reforma agrária;
- e) A esperança de uma vida melhor e a construção de uma sociedade mais justa supera a marca histórica de sofrimento e abandono que caracteriza a trajetória do agricultor sem-terra.

O grande desafio que se impõe aos geógrafos e professores é um engajamento nos movimentos populares, que sintetize o exercício pleno da cidadania e sua atividade profissional específica.

Profa. Mariza Polenz- Porto Alegre
Prof. Armando T. Enderle- Frederico
Westphalen/RS